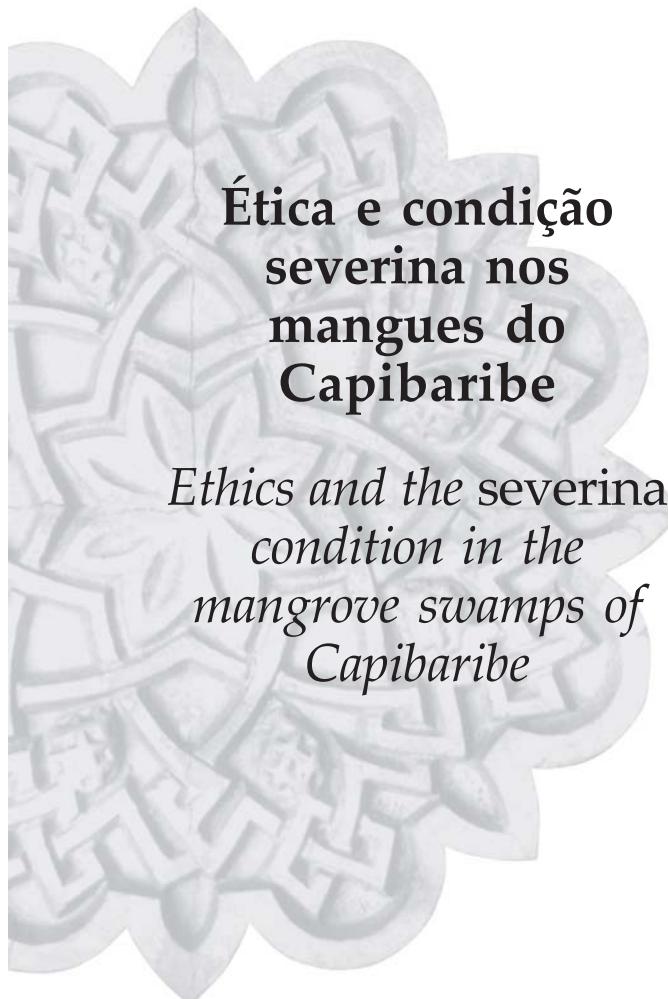


de Melo Filho, Djalma Agripino
Ética e condição severina nos mangues do Capibaribe
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2006, pp. 77-90
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386137982005>



Ética e condição severina nos mangues do Capibaribe

Ethics and the severina condition in the mangrove swamps of Capibaribe

Djalma Agripino de Melo Filho

Núcleo de Saúde Pública (NUSP),
Universidade Federal de Pernambuco
Rua Nunes Machado, 119/603 – Soledade
50050-590 Recife – PE – Brasil
djalmaf@truenet.com.br

MELO FILHO, D. A. de. Ética e condição severina nos mangues do Capibaribe. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 1, p. 77-90, jan.-mar. 2006.

O poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto, enfoca fundamentalmente a satisfação das necessidades humanas e a condição severina. Em dois episódios a vida humana é concebida como um ideal de valor: no diálogo entre o mestre carpina e Severino, retirante, e no nascimento de um outro Severino, as margens do rio Capibaribe, no Recife.

PALAVRAS-CHAVE: Morte e vida severina; ética; valores; vida humana.

MELO FILHO, D. A. de.: Ethics and the severina condition in the mangrove swamps of Capibaribe. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 1, p. 77-90, Jan.-Mar. 2006.

João Cabral de Melo Neto's poem “Morte e vida severina” focuses primarily on the satisfaction of human needs and on the condição severina – i.e., the poverty, hunger, joblessness, injustice, and early death that characterizes much of life in Northeast Brazil.

In two episodes of the poem, human life is presented as a value ideal: during the dialog between the master carpenter and the protagonist Severino (a retirante, or migrant fleeing drought-stricken areas of the Northeast) and likewise during the birth of another Severino, on the banks of the Capibaribe River in Recife.

KEYWORDS: Morte e vida severina; ethics; values; human life.

Reconhecendo-se a vida humana como um ideal de valor, realiza-se uma releitura de “Morte e vida severina” enfocando basicamente duas questões de natureza ética: o diálogo entre mestre carpina e Severino, retirante, e o nascimento de um outro Severino, às margens do rio Capibaribe, no Recife. Nessa obra, o poeta João Cabral de Melo Neto narra a retirada de um homem sertanejo, Severino, que deixa a morte para trás e, caminhando em direção ao Recife, tem esperança de encontrar vida. A identidade, única, não repetível e singular, é transformada, mediante a sinédoque, ou seja, o emprego do singular pelo plural, numa identidade, ainda substantiva, de grupo social: “São severinos todos os retirantes que a seca escorraça do sertão e que o latifúndio escorraça da terra” (Nunes, 1971, p. 82). Precisamente aí ocorre a adjetivação que qualifica e delimita aquela identidade, pois todos que pertencem ao grupo encontram-se sob a mesma condição *severina*, ou seja, vivendo num mesmo ciclo *severino* de morte e vida. A cabeça grande, o ventre crescido, as pernas finas, o sangue com pouca tinta e a morte antes dos trinta compõem o espectro de uma *severinidade* criada pelas relações sociais, econômicas, políticas, culturais e espirituais estabelecidas pelos próprios homens. Por que Severino, aliás, severino?

O procedimento de adjetivação do substantivo é recorrente na poesia de Cabral, e aqui adquire especial relevo por estar em posição privilegiada, no título da peça. Morte e vida severina, porque é Severino o protagonista, que, desde a apresentação, insiste no caráter comum de seu nome, antes um ‘a-nome’ no contexto em que vive. De substantivo próprio, ‘Severino’ passa a ser comum; daí a ser adjetivo é um passo ... Será interessante advertir que o uso de ‘severino’ como adjetivo no auto cabralino não é senão a reversão da palavra à sua origem. Diminutivo de ‘severo’, ‘severino’ é originariamente um adjetivo. (Marta de Senna apud Barbosa, s.d.)

Durante o trajeto do Sertão ao Recife, Severino experimenta uma variedade de sentimentos: esperança, desânimo, desilusão, desespero e, novamente, esperança.

Década de 1950. Dando um adeus à caatinga e aos seus mandacarus, à seca e à fome, à morte e à miséria, Severino decide deixar o Sertão.

Mais de quatro décadas depois: em Petrolina, cidade do Sertão de Pernambuco,

Maria Elenita dos Santos, 44 anos, passa fome há quatro meses. O marido, o agricultor Francisco Pereira Furtado, 43, perdeu o emprego depois de sofrer um acidente de trabalho. Maria, lava-deira, perdeu a freguesia. Quem sustenta a casa é o filho de 19

¹ Conjunto de reportagens sobre a situação da fome em Pernambuco publicadas no *Diario de Pernambuco* (Recife). Especialmente em 18.04.1999, p. E-3.

anos, com renda mensal de R\$80. 'No desespero, dou água morna com sal para matar a fome dos meninos'. A mais nova tem 1 ano e dois meses, o segundo, três anos. (*Diario de Pernambuco*, 18.04.99, p. E3)¹

Década de 1950. Chegando ao Agreste, próximo à cidade de Toritama, Severino depara com o enterro de um lavrador, vítima de violência. Na caminhada, advém o desânimo, pensa em interromper a viagem, mas retorna ao objetivo da retirada: chegar ao Recife. Severino, em certo momento da caminhada, procura trabalho, mas não o encontra. Lavrar a terra, combater planta de rapina, pastorear gado, tudo ele sabia, mas não rezava benditos, nem cantava excelências ou encomendava defuntos. Era isso o que havia para se fazer ali.

Mais de quatro décadas depois: em Bezerros, cidade do Agreste pernambucano,

Raimunda Maria de Oliveira, 34 anos, agricultora, teve sete filhos, dos quais apenas dois sobreviveram. O mais novo, de um ano e oito meses, nasceu abaixo do peso. Anêmica, sobrevivia, até este mês, da renda do marido, o agricultor João Galdênia da Silva, 34 anos, cadastrado na Frente de Emergência de Frutuoso, povoado onde moram. 'Quando temos, comemos feijão e pão de milho (cuscuz)'. (*Diario de Pernambuco*, 18.04.99, p. E3)

Década de 1950. Severino chega à zona da Mata: terra doce, feminina; verde da cana-de-açúcar; bueiros de usinas e, o que mais esperava, água! O encantamento dura pouco, chega a desilusão, pois percebe que não havia diferença entre o Sertão, o Agreste e a Mata. Em todas as paisagens, adoecia-se e morria-se à *Severina*.

Mais de quatro décadas depois: em Palmares, cidade da zona da Mata pernambucana,

Josefa Maria da Silva e Antônio Nélson da Silva, ambos com 36 anos, têm 9 filhos (1, 3, 4, 6, 10, 13, 17, 18, 19 anos). Os mais novos estão desnutridos e recebem leite do governo. A família vive do corte da cana. Na entressafra, está sem renda. Sobrevive às custas do leite do Governo Federal. Em casa tinha apenas um prato de feijão com arroz e peixe doado pela Prefeitura na Semana Santa. (*Diario de Pernambuco*, 18.04.99, p. E3)

Década de 1950. Finalmente, Severino chega ao Recife, "derradeira invocação da ladainha": lama, mangue e caranguejos.

Mais de quatro décadas depois: no Recife, capital de Pernambuco,

Ceci de Freitas, 41 anos, 15 filhos, 7 vivos, mora com 6 (10 meses, 3, 4, 5, 7 e 12 anos) na favela Caranguejo. O mais novo começou a perder peso aos 7 meses. Em vez de 8,5 quilos, pesa hoje 6. A mãe

e o pai, desempregado há 6 anos, catam papelão e vendem a R\$0,40 o quilo. Faturam R\$2,00 por dia. As crianças ficam em casa trancadas para não serem baleadas na rua. Passam o dia brincando. Quando a fome chega, sentem dor, sono e não vêm os pais chegarem. (*Diario de Pernambuco*, 18.04.99, p. E3)

É, todavia, no Recife que Severino experimentará o espanto (*thaumazein*), ponto de partida do filosofar (Heller, 1983). Quando o retirante chega a um dos cais do Capibaribe, aproxima-se dele Seu José, mestre carpina, morador de um dos mocambos ali localizados, e inicia-se um diálogo sobre o valor da vida, seja ela “comprada à vista”, ou “a retalho”. No decorrer da conversa, um e outro tomam perspectivas diversas. Severino vai mergulhando cada vez mais no vazio e, como um epicurista,² ao perguntar ao mestre carpina vislumbra a possibilidade de não viver sob o império da necessidade:

que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

(Melo Neto, 1995, p. 195)

Nesse exato momento, o diálogo é suspenso, quando uma mulher anuncia a Seu José, mestre carpina, o nascimento de seu filho, convidando-o para assistir a uma outra maiêutica,³ que ali perto ocorria, da qual ele, na condição de pai, era também um dos protagonistas.

No Evangelho de São Mateus, um anjo é quem informa a José, carpinteiro de Nazaré, a gravidez de sua esposa Maria. O Anjo do Senhor aparece em sonho a José e diz:

José, filho de David, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa: o que foi gerado nela provém do Espírito Santo, e ela dará à luz um filho a quem porás o nome de Jesus, pois é ele que salvará o seu povo dos seus pecados. (Mt 1:20-21)

O anjo é um ser intermediário entre Deus e o mundo e “em sua qualidade de mensageiro, é sempre portador de uma boa notícia para a alma” (Chevalier & Gheerbrant, 1992, p. 61). Não fazem diferente os filósofos. Em um dos cais do Capibaribe, dois partos se consumavam: do lado de dentro do mocambo, uma mulher presenteia a “Cidade dos Caranguejos” com um filho nascido de suas entranhas; do lado de fora, um homem, Severino, sente dores e, ajudado pelo mestre carpina, também parirá uma vida, a vida como ideal de valor.

³ Etimologicamente, maiêutica significa “a arte da parteira (*techné tés maieuseos*), ou a arte de todo aquele que presta serviço para ajudar as mulheres a dar à luz os seus filhos”. Cf. Rocha, 1994, p. 136-7.

No *Teeteto*, o Sócrates de Platão diz:

A minha arte de parteiro comprehende todas as funções que as parteiras desempenham, com a diferença que se exerce sobre homens e não sobre mulheres, cuida das almas e não dos corpos. A principal vantagem da minha arte é permitir-me distinguir, com segurança, se o espírito de um rapaz dá à luz uma quimera e uma falsidade, ou um fruto real e verdadeiro. (Platão, 1947, p. 25-30)

A filosofia é filha da cidade (Lefebvre, 1991), mas no próprio nascimento já é marcada pelas relações de gênero. No *Banquete* que Agatão ofereceu e onde Fedro, Pausânia, Erixímaco, Aristófanes e Sócrates discursaram sobre o amor, as mulheres não participaram da conversa; encontravam-se no gineceu. Entretanto, durante o seu discurso, Sócrates se remete a uma mulher, Diotima, afirmando ter aprendido com ela o que sabia sobre Eros (Platão, 1986).

Sócrates, nascido em Atenas, em 470 ou 469 a.C., era filho de um escultor, Sofronisco, e de uma parteira, Fenareta. Consta no *Teeteto* que Sócrates sublima a esterilidade do corpo masculino em gerar filhos mediante a ajuda na parturião do conhecimento brotado na alma do interlocutor-discípulo:

Por outro lado, tenho de comum com as parteiras o ser estéril em matéria de sabedoria; por isso tem fundamento a censura que me fazem muitas vezes de interrogar os outros sem nunca emitir opinião acerca de nenhuma coisa, porque nada sei. E procedo assim porque o deus me impõe o dever de ajudar os outros a dar à luz, mas não me permite parir. É por isso que não possuo sabedoria e não posso gabar-me de nenhuma descoberta que a minha alma tenha produzido. Em compensação, aqueles que convivem comigo, embora a princípio pareçam ignorantes, fazem maravilhosos progressos à medida que recebem a minha influência, se o deus assim lhes permite, não só na sua opinião, mas também na dos outros. É claro, como o dia, que não aprendem nada comigo e encontram em si mesmos as belas coisas que dão à luz; mas, se as conceberam, foi graças ao deus e a mim. (Platão, 1947, p. 25-30)

Em “Morte e vida severina”, Seu José, mestre carpina, desempenha um papel semelhante ao de Sócrates, ajudando, tal como um médico, a curar uma ferida na alma de Severino retirante. Cansado da longa caminhada, esperava gestar vida, mas estava tecendo a própria morte, Severino pensa num atalho que abrevie o sofrimento, pois o suicídio é “um caminho mais rápido, simplesmente, o mais curto, o mais radical, uma saída para o nada, uma antecipação do inevitável. É um atalho definitivo” (Comte-Sponville, 1997, p. 80).

Na realidade, Severino, quando considera, em pensamento, que a melhor saída era “saltar, numa noite, fora da ponte e da vida”, não estava recusando a vida, mas a doença, o sofrimento e a miséria.

Dois fatos influenciaram Severino a se afastar dessa idéia: o diálogo com o mestre carpina e o nascimento de uma criança ao qual ele assistira. O mestre carpina, apostando na vida, contribui para que Severino se distancie do perigo, tal como o anjo fizera com José, carpinteiro de Nazaré, quando em sonho lhe aconselhou: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito; fica ali até nova ordem, pois Herodes vai procurar o menino para fazê-lo perecer” (Mt 2:13).

Em “Morte e vida severina” o anjo torna-se mulher e anuncia o Natal. Um pouco aborrecida com a “prosa entretida” que Seu José, o pai do menino que acabara de nascer, levava com Severino retirante, a mulher-que-anuncia, ao sair do mocambo, convida-o para com-partilhar o espetáculo da vida:

– Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabei que ele é nascido
(Melo Neto, 1995, p. 195)

⁴ É o próprio João Cabral quem confessa a influência: “Esse texto não poderia ser mais denso. Era obra para teatro, encomendada por Maria Clara Machado. Foi a coisa mais relaxada que escrevi. Pesquisei num livro sobre o folclore pernambucano, publicado no início do século [XX], de autoria de Pereira da Costa ... A cena do nascimento, com outras palavras, está em Pereira da Costa. ‘Compadre, que na relva estás deitado’ é transposição deste folclorista, pois no Capibaribe há lama, e não grama” (apud Barbosa, s.d.).

Essa estrofe, onde se percebe a humanização do divino, constitui uma recriação da Loa do anjo anunciando às pastoras o nascimento do Messias, registrada em Pereira da Costa (1974, p. 471):

Pastoras, belas pastoras,
Que na relva estais deitadas
Descansais, e não sabeis,
Que a luz do céu é chegada? ⁴

A interrupção do diálogo não deve ser interpretada como uma falta de apreço pela filosofia, mas um chamado à solidariedade entre os gêneros, seja no mocambo (espaço privado), seja na cidade (espaço público). O José de Nazaré, do outro Natal, vira o filósofo, Seu José, mestre carpina, nascido em Nazaré da Mata. A mulher que pariu o menino e o próprio menino aparecem sem nome no auto cabralino. Seria uma Maria de Nazaré da Mata? Um Jesus da Silva?

Quando o menino nasce, consuma-se uma maiêutica: a reprodução da vida humana. Num pobre mocambo do Capibaribe é comemorado o Natal:

⁵ Segundo Pereira da Costa (1974, p. 199), “A introdução do presépio em Pernambuco vem, talvez, de fins do século XVI, acaso iniciada no convento dos franciscanos em Olinda, por frei Gaspar de Santo Antônio, a quem na custódia chamavam O Primogênito, por ser o primeiro religioso que tomou o hábito no Brasil, naquele mesmo convento, no ano de 1585”.

⁶ “Chama-se mangue, mangal ou manguezal a um tipo especial de associação vegetal tipicamente anfíbia, que prolifera nos solos frouxos e movediços dos estuários, dos deltas, das lagunas litorâneas – solos de transição entre os tratos de verdadeira terra firme e os ocupados permanentemente pela água – nas regiões equatoriais-tropicais do mundo.” Cf. Castro, 1948, p. 19.

⁷ Nota-se aqui a influência do antigo pastoril pernambucano, registrado em *Folk-lore pernambucano* de Pereira da Costa (1974, p. 486-90), todavia João Cabral alterou a lista dos presentes. No original, as pastoras oferecem pombinhos, ovos, coifinha, travesseiro de penas, jasmins, vinho, farinha de trigo, fitinha, toalha, cueirinho e romã.

⁸ Variante de guaiamu ou guaiamum. Cf. Ferreira, 1975.

– Cada casebre se torna no mocambo modelar que tanto celebram os sociólogos do lugar
(Melo Neto, 1995, p. 196)

No cenário não há nobres como na *Adoração dos Reis Magos* de Van der Weyden (1400?-1464), nem o fulgor místico da *Natividade* de Botticelli (1445-1510), nem o fausto dos presentes da *Adoração dos Magos* de Dürer (1471-1528), mas nem por isso é menos belo, ou menos original. À beira do Capibaribe, segundo o auto cabralino, uma criança havia nascido⁵ quando Severino estava a filosofar com Seu José, mestre carpina.

Mais uma vida começava a integrar a ecologia dos mangues⁶ onde se irmanam homens e caranguejos. Josué de Castro afirma que o ar e o solo recifenses são efeitos dos rios que cortam a cidade e, parodiando Heródoto, conclui que o Recife é um dom dos seus rios. O mangue é o local “dos operários, dos sem-profissão, dos inadaptados e dos que desceram do sertão na fome e não puderam vencer na cidade” (Castro, 1957, p. 15).

No lugar dos reis magos, veio visitar o menino a gente humilde que habitava a mesma paisagem:

Há criaturas como a cana mesmo postas na moenda, esmagadas de todo, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura
(Câmara, 1983, p. 23)

O incenso, a mirra e o ouro, símbolos de riqueza, foram substituídos pelos presentes que visavam satisfazer as necessidades do recém-nascido. Sempre com a ressalva de que a situação de pobreza em que viviam limitava a oferta, as pessoas foram trazendo o melhor possível para defender aquela vida que acabava de florescer:⁷ “caranguejos pescados por esses mangues”, “o leite que tenho para meu filho amamentar”, “papel de jornal para servir de cobertor”, “um olho d’água de Lagoa do Carro”, “água de Olinda”, “canário da terra”, “bolacha d’água que só em Paudalho se fabrica”, “bonéco de barro de Severino de Tracunhaém”, “abacaxi de Goiana”, “rolete de cana”, “ostras do cais da Aurora”, “tamarindos da Jaqueira”, “jaca da Tamarineira”, “mangabas do Cajueiro”, “cajus da Mangabeira”, “peixe pescado no Passarinho”, “carne de boi dos Peixinhos”, “siris apanhados no lamaçal que há no avesso da rua Imperial”, “mangas compradas nos quintais ricos do Espinheiro e dos Aflitos”, “goiamuns⁸ dados pela gente pobre da Avenida Sul e da Avenida Norte” (Melo Neto, 1995, 196-8).

Os presentes constituem o compromisso da comunidade em reconhecer a vida como um ideal de valor e, por isso, não se dirigem unicamente ao recém-nascido, mas à sua família. Por um lado, o rol de presentes busca contemplar uma representatividade geográfica, eles provêm de várias ruas e bairros (ricos e pobres) do Recife e de diversas cidades pernambucanas. O jogo de palavras que o poeta articula entre o presente e sua procedência constitui um elenco de oxímoros, pois “para quem não sabe que estes são nomes de bairros [do Recife], a passagem é completamente surrealista” (Barbosa, s.d.). Por outro lado, procuram satisfazer um conjunto de necessidades⁹ que poderiam ser divididas em dois grandes grupos: no primeiro se encontram as necessidades que visam à reprodução/conservação da vida humana, e no segundo se situam aquelas que não se dirigem à mera sobrevivência.

Aquelas que se enquadram no primeiro grupo, como a alimentação, a atividade sexual, o contato social e a atividade laborativa, podem ser denominadas de ‘necessidades existenciais’, mas sob nenhuma hipótese podem ser tratadas como ‘necessidades naturais’, pois sua satisfação se dá no âmbito social de um determinado espaço e de uma determinada época. Essas necessidades também não podem ser reduzidas ao rótulo de ‘necessidades animais’, pois o homem para se autoconservar precisa satisfazer determinadas condições – vestimenta, por exemplo – que não constituem ‘necessidade’ para outros animais. As que se inserem no segundo grupo, como o descanso superior ao necessário para a reprodução da força de trabalho, a atividade artística, a reflexão filosófica, a amizade, o amor e a realização de si na objetivação, atividade moral, devem ser denominadas “necessidades propriamente humanas” (Heller, 1986).

A partir dessa teorização, há presentes que foram doados com a finalidade de satisfazer as ‘necessidades existenciais’, bem como as ‘necessidades propriamente humanas’. Entre os primeiros encontram-se o leite materno, a carne de boi, os crustáceos, as frutas, as bolachas e a água.

A comunidade enviou um conjunto de presentes para que o recém-nascido e sua família pudessem satisfazer, como assinala Castro (1955, p. 57), “a mais fundamental das necessidades humanas – a necessidade de alimentos”. Trata-se, pois, de um cardápio nativo que contempla, pelo menos qualitativamente, proteínas, lipídios, carboidratos, vitaminas e minerais. Pois a morte *severina* é

a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina

ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

(Melo Neto, 1995, p. 172)

No outro conjunto de presentes encontravam-se o “papel jornal” e o “boneco de barro”. O primeiro tinha uma dupla finalidade: “servir de cobertor” e “cobrindo-se assim de letras / vai um dia ser doutor”. Simultaneamente, englobavam-se uma ‘necessidade existencial’, proteção do frio, e uma ‘necessidade propriamente humana’, a educação. Enquanto aquela se dirigia à conservação da particularidade, esta romperia com os liames da vida cotidiana, pois o distintivo ‘doutor’ serviu para ultrapassar o mero ato de alfabetizar, necessário, na maioria das vezes, à mera sobrevivência.

O segundo presente envolve uma obra de arte que no momento de sua produção, como durante sua recepção, ‘suspende’ os limites da cotidianidade e se dirige à genericidade humana. Escreve Heller que o

artista individual ‘se alça’ acima desta esfera cotidiana impregnada de arte para fixar nas objetivações sua relação *individual* com a genericidade. Sobre a base das obras de arte é possível reconstruir de modo mais seguro a ética e a imagem do mundo de qualquer época, e podemos analisar nelas com a máxima certeza o grau e a direção em que se tem desenvolvido a individualidade de uma época; as obras de arte nos informam de modo mais verídico sobre o movimento oscilatório entre as formas de atividade cotidiana e genéricas, nos dizem se sua relação era harmônica ou contraditória, etc. (Heller, 1991, p. 201)

Não só a cultura prestigiou o recém-nascido, mas também a natureza. No cenário, não havia anjos, nem uma grande estrela, mas o céu e a terra também o louvaram: o rio se enfeitou de estrelas e a maré não baixou, por isso escondeu a lama e o mau-cheiro.

A criança, que a comunidade veio visitar, nasceu no Recife, em meados da década de 1950, era do sexo masculino, filha de migrantes, “magra”, “pálida”, “franzina”, “enclenque” e “setemesinha”, enfim, trazia consigo a marca da *severinidade* em cuja origem estava o latifúndio. Contrastava, pois, com os “cabelinhos de ouro”, a “clara testinha”, os “belos olhinhos azuis”, o “nariz afilado”, a “linda boquinha” do menino louvado nas antigas jornadas do pastoril pernambucano (Pereira da Costa, 1974, p. 473-4).

Finalmente, a outra maiêutica, aquela que vinha ocorrendo com o diálogo entre Seu José, mestre carpina, e Severino retirante, é concluída quando há o reconhecimento da vida como um ideal de valor. Mestre carpina responde enfim à pergunta (interrompida) formulada pelo retirante:

– Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(Melo Neto, 1995, p. 201-2)

Essencialmente, as duas maiêuticas, apesar de produzirem vida, uma dentro do mocambo, nascimento do filho de Seu José, mestre carpina, e outra fora dele, pois Severino decide não abraçar a morte, encontram-se em dimensões diferenciadas. A primeira é desenvolvida no âmbito da vida cotidiana; a segunda teve como pressuposto a ‘suspensão’ dessa particularidade. A primeira é dirigida à reprodução da vida humana, encontrando-se mais próxima da natureza, embora sempre socialmente determinada. A segunda se volta à universalidade, pré-requisito do filosofar.

Pode-se entender a vida cotidiana como “o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social” (Heller, 1991, p. 19). Embora essa esfera da vida esteja assaz ligada à satisfação de ‘necessidades existenciais’, ela não pode ser *naturalizada*, pois se encontra determinada socialmente:

Todos necessitam dormir, mas nenhum dorme nas mesmas circunstâncias e pelo mesmo período de tempo; todos têm necessidade de se alimentar, mas não na mesma quantidade e do mesmo modo. Cada um – considerando o homem particular na média da sociedade – deve ademais reproduzir a espécie, quer dizer, trazer filhos ao mundo. Os homens, por conseguinte, têm em comum entre eles atividades que – fazendo abstração de seu conteúdo concreto – são comuns às dos animais. E se trata das atividades que servem para conservar o homem enquanto *ente natural*. (Heller, 1991, p. 19)

Embora o cotidiano apareça apenas como uma sutura entre a natureza e a sociedade, como propõe Lefebvre, essa esfera não se reduz a essa mediação. Dormir, alimentar-se, reproduzir-se, atividades relacionadas ao homem como ente natural, são cotidianas, todavia há outras atividades, como o trabalho criativo, que embora constituam liame entre a natureza e a sociedade, não se encontram restritas à cotidianidade. E ainda há outras que são cotidianas, mas não constituem mediação entre o natural e o social, como a reprodução de costumes (Heller, 1991, p. 19).

O nascimento do filho de Seu José, mestre carpina, é um fato eminentemente cotidiano, pois, reafirma o homem como um ser natural, por um lado, mas, e sobretudo, destaca, por outro, que as circunstâncias desse nascimento foram determinadas socialmente: num mocambo assentado na lama do Capibaribe, e não em um apartamento à beira-mar. Enfatiza-se, pois, que a reprodução do particular é a

reprodução do homem *concreto*, quer dizer, o homem que em uma determinada sociedade ocupa um lugar determinado na divisão social do trabalho. Para a reprodução de um escravo são-lhe necessárias atividades distintas das necessárias a um cidadão da polis, a um pastor ou a um operário da metrópole. (Heller, 1991, p. 19)

Todavia, durante a conversa de Seu José, mestre carpina, com Severino, retirante, que ocorria ali perto do mocambo, os liames da particularidade/cotidianidade foram rompidos para que a discussão se elevasse a um nível universal. Severino estava cansado da vida-que-vinha-levando e o instinto de sobrevivência já não lhe era suficiente para garantir a conservação dessa mesma vida, pois chegou a pensar que a melhor saída seria “a de saltar, numa noite, / fora da ponte e da vida”.

O diálogo entre ambos supera a vida cotidiana, pois não dirige meramente à conservação da vida de Severino, mas à vida como um ideal universal de valor. Por isso a maiêutica não poderia ficar presa nas redes do saber cotidiano, caracterizado pelos preconceitos e pelo imediatismo.

É verdade que o filosofar trouxe como consequência a conservação da vida cotidiana de Severino, mas foi necessário *abstrair* essa esfera para, até mesmo, garantir-la e transformá-la.

Vejam-se, pois, alguns trechos do diálogo. Se anteriormente, do Sertão ao Recife, Severino seguiu a verticalidade do rio Capibaribe, agora seria a sua horizontalidade que lhe interessava: é possível atravessar o rio, de uma margem à outra?

— Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabe me dizer se o rio
a esta altura dá vau?
sabe me dizer se é funda
esta água grossa e carnal?
(Melo Neto, 1995, p. 193)

O mestre carpina responde que nunca o havia cruzado a nado, sempre havia utilizado a ponte, aqui temporariamente entendida como uma ponte de concreto que se alça sobre o Capibaribe. Severino, descrente, pergunta:

— Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?
(Melo Neto, 1995, p. 193)

Neste caso, nem a ponte concreta, nem a simbólica são vislumbradas. O rio passa a ser concebido como um mar de miséria, mas o mestre carpina diz que “para cruzá-la / vale bem qualquer esforço”. Na conversa, Severino recusa a ponte e se aproxima do “perau”,¹⁰ do tupi *pe'rau*, ‘caminho falso’, e deseja saber “por que ao puxão das águas / não é melhor se entregar?”. Mestre carpina recomenda que “o mar de nossa conversa / precisa ser combatido”, caso contrário devastará a terra. Mas Severino não se convence e envolve o mestre carpina em um redemoinho d’água, deixando-o aparentemente sem saída:

— Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença
que como frieira se alastre,
ou como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?
(Melo Neto, 1995, p. 194)

¹⁰ Declive rápido do fundo do mar ou de um rio, junto à costa ou à margem.
Cf. Ferreira, 1975.

Mestre carpina argumenta que

... muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.

(Melo Neto, 1995, p. 194)

Severino afirma que nenhuma ponte poderá vencer um oceano vazio e começa a discutir sobre o real valor da vida que é reafirmada pelo mestre carpina, que a adquire a retalho de modo cotidiano. As pontes lançadas pelo mestre carpina visavam afastar Severino do “perau”, do “puxão das águas”, do “mar miséria”, mas é de uma delas (a de concreto) que este imagina que pode saltar fora da vida.

Se aqui, como se viu anteriormente, o diálogo foi interrompido, é bom recordar que foi um fato da vida cotidiana, o nascimento de um filho, que provocou a suspensão de uma atividade não-cotidiana: o filosofar. O convite da mulher-que-anuncia remete todos a esta reflexão:

A vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. (Heller, 1989, p. 17)

De uma posição ativa, seja no monólogo, seja no diálogo com Seu José, mestre carpina, Severino passa a assumir o lugar de um espectador, uma figura de presépio, e assiste à “explosão de uma vida severina”. Sem novas perguntas, sem suicídio, “Morte e vida severina” se conclui com uma louvação à vida.

Na perspectiva cotidiana ou não cotidiana, a vida foi defendida, seja como uma ‘necessidade existencial’, no primeiro caso, seja como um ideal de valor, no segundo caso.

Em síntese, ocorreu um movimento-para-dentro-do-mocambo, um homem-pai que filosofava é convidado por uma mulher-que-anuncia a participar do nascimento de seu filho. Todavia ainda seria necessário um outro movimento-para-fora-do-mocambo onde a mulher também se elevasse da vida cotidiana em direção ao humano-genérico. É bom, entretanto, não esquecer que essa elevação também se faz mediante a filosofia que, segundo Heller,

possui a maravilhosa capacidade, a coragem de pôr as questões mais pueris: O que é isto? Como é isto? Por que é precisamente assim? Por que deve ser assim? Que finalidade tem isto? Por que tem de ser feito assim? Por que não pode ser feito desse outro modo? (Heller, 1983, p. 22-3)

Perguntas que o menino que nascera dentro do mocambo também fará no futuro. Como se pôde evidenciar, a louvação da vida foi levada, na imaginação do artista, às últimas consequências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, F. T. B.
s.d.
Câmara, Hélder
1983
Castro, Josué de
1957
Castro, Josué de
1955
Castro, Josué de
1948
Chevalier, J.;
Gheerbrant, A.
1992
Comte-Sponville, Andre
1997
Ferreira,
Aurélio B. de H.
1975
Heller, Agnes
1991
Heller, Agnes
1989
Heller, Agnes
1986
Heller, Agnes
1983
Lefebvre, Henri
1991
Melo Neto,
João Cabral de
1995
Nunes, Benedito
1971
Pereira da Costa, F. A.
1974
Platão
1986
Platão
1947
Rocha, Zeferino
1994
- Estudo de "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto.*
Disponível em: fredbar.sites.uol.com.br/mvs.html, acesso em 10.1.2001.
Mil razões para viver (Meditações do Padre José). 6. ed.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
Documentário do Nordeste.
São Paulo: Brasiliense.
Geopolítica da fome. v. I.
São Paulo: Brasiliense.
Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana.
Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
Dicionário de símbolos. 6. ed.
Rio de Janeiro: José Olympio.
Bom dia, angústia!
São Paulo: Martins Fontes.
Novo dicionário da língua portuguesa.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Sociología de la vida cotidiana.
Barcelona: Península.
O cotidiano e a história. 3. ed.
Rio de Janeiro: Paz e Terra.
Teoría de las necesidades en Marx. 2. ed.
Barcelona: Península.
A filosofia radical.
São Paulo: Brasiliense.
O direito à cidade.
São Paulo: Moraes.
"Morte e vida severina".
In: *Obra completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
João Cabral de Melo Neto: nota biográfica, introdução crítica, antologia, bibliografia. Petrópolis: Vozes.
Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Recife: Arquivo Público Estadual.
O simpósio ou Do amor.
Lisboa: Guimarães Editores.
Teeteto. Trad. A. Lobo Vilela. Lisboa: Seara Nova.
Disponível em: www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/documentos.htm, acesso em 4.2.2005.
A morte de Sócrates: uma mensagem ética para nosso tempo.
Recife: Ed. Universitária da UFPE.

Recebido para publicação em setembro de 2004.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2005.